

COLETIVO COLETORES 15 ANOS

SIGNOS DE

RESISTÊNCIA

BORDAS DA

MEMÓRIA

CURADORIA ALINE AMBRÓSIO



COLETIVO COLETORES 15 ANOS

**SIGNOS DE
RESISTÊNCIA
BORDAS DA
MEMÓRIA**

CURADORIA ALINE AMBRÓSIO



ESTRATÉGIA, HACKEAMENTO E TRÂNSITO

De certo, algumas histórias ou trajetórias só se findam na fabulação, quer seja por sua singularidade que não se encontra ao mirar o espelho, ou por tamanha improbabilidade de sua existência, que não se encontram linguagens para se empraçar. E que talvez, só façam sentido na arte ou na crença, como manifestado na letra de Vida Loka parte 1 do Racionais Mc's "Tenha fé, porque até no lixão nasce flor". É justamente nas improváveis encruzilhadas que se sobrepõem a vida loka que no ano de 2008 reuniu na periferia da zona leste de São Paulo o Coletivo Coletores.

Desde sua criação até o aniversário de 15 anos, a trajetória do Coletivo Coletores tem demonstrado que é possível desenvolver uma produção artística que vai na contramão das convenções, subvertendo limites físicos e simbólicos. Desenvolvendo uma produção aberta que pensa as cidades como temática e suporte para as ações, gerando um testemunho que compartilha conhecimentos, processos, linguagens e memórias. Com inspiração nas organizações coletivas e insurgentes que resistiram ao longo do tempo, na mesma esteira o Coletivo Coletores, faz da arte uma ferramenta para autoconstruir cidadania de forma insurgente e criar estratégias de hackeamento para sua produção, inserção ou sobrevivência cotidiana.

Se as hegemonias usurparam a história e detém o poder sobre quem documenta, preserva ou apaga a história, a única possibilidade que resta para se elaborar um futuro possível é de retorno ao passado através de tecnologias ancestrais como Sankofa, seguindo o legado dos Quilombos, aldeias, terreiros, quintais, posses e crews, o Coletivo Coletores se conecta a essas formas de construção do bem viver, evocando, memorando e reelaborando o passado.

É uma produção que lança um olhar para a história e as contradições da construção do Brasil, recontando a história do país a partir de rastros, a partir de memórias apagadas ou incoerências que as hegemonias insistem em negar e que continuam a promover sua manutenção. Nesse sentido, a obra do Coletivo Coletores tem trabalhado no intuito de oferecer ao público referenciais e estratégias como caminhos de reflexão, de como se apropriar ou editar as suas memórias, de modo a oferecer a variadas co-

munidades, por onde atua, uma narrativa contra hegemônica, para quem sabe, reelaborar traumas sociais e abrir novos caminhos e horizontes.

15 anos sem atelier, produzindo em trânsito, utilizando o espaço urbano como palco para uma produção que se apresenta coletiva e colaborativa, desenvolvendo uma gama de produções artísticas que rompem a lógica tradicional do circuito de arte contemporânea, misturando mídias, suportes, públicos, confundindo os limites, fazendo da cidade o suporte para produções que acontecem a partir do contato direto com o território, suas memórias e seus signos. A cidade como atelier ou a cidade como galeria a céu aberto tem sido algumas das formas de hackeamento utilizadas pelo Coletivo Coletores que através dos usos dos meios digitais intervêm na paisagem e desmistifica o sagrado invólucro que a história da arte incumbiu ao papel do artista. E por dentro dessa lógica por que não hackear também o museu? Utilizar uma das plataformas institucionais de maior prestígio e que é ao mesmo tempo historicamente um espaço de acesso ainda restrito para públicos oriundos de realidades marginalizadas?

A exposição "SIGNOS DE RESISTÊNCIA/BORDAS DA MEMÓRIA" além de ser um convite para o público conhecer algumas das histórias que compõem a identidade nacional e foram apagadas ou editadas das linhas oficiais da história. Também é uma exposição que cataloga e rearranja signos, ícones e memórias de resistência presentes nas camadas dos tecidos urbanos e sociais, celebrando a vida, as lutas e as re-existências coletivas. Para nós, estarmos vivos e em liberdade fazendo arte a 15 anos é uma realidade de valor inestimável e celebrar essa jornada em um espaço emblemático como o museu Nacional da República no coração do poder do Brasil, figura um lampejo de futuro e esperança de que é possível acreditar em nossos sonhos e que juntos, somos imbatíveis, que não chegamos aqui sozinhos, mas que somos parte de um processo que se iniciou com nossos antepassados, que nos acompanha no presente e que seremos base para aqueles que virão nos próximos tempos.

Coletivo Coletores

SOMOS DE RESISTENCIA / BORDAS DA MEMÓRIA



COLETIVO COLETORES



1964

1968

1972

1976

1980

1984

1988

1992

1996

2000



SIGNOS DE RESISTÊNCIA BORDAS DA MEMÓRIA

O COLETIVO COLETORES é reconhecido por discutir em sua trajetória as relações entre memória, apagamentos históricos, identidade e território. Formado na periferia da zona leste de São Paulo pelos multiartistas, pesquisadores e professores Flávio Camargo e Toni Baptiste, o Coletores se dedica a pensar e ressignificar a natureza das imagens, tensionando de maneira crítica as relações entre arte e tecnologia, cidade e memória, estética e política. Contrários ao processo de colonização e dominação da empreitada moderna que colonizou não apenas corpos e territórios, mas também imaginários, adotam em suas investigações perspectivas e linguagens antirracistas e contracoloniais, revelando nos trabalhos e projeções sobre arquiteturas históricas as diversas faces de memórias silenciadas e apagadas historicamente pelas narrativas hegemônicas.

SIGNOS DE RESISTÊNCIA / BORDAS DA MEMÓRIA marca os 15 anos do Coletivo Coletores, apresentando as complexas e múltiplas camadas de diferentes territórios em disputa, tendo como eixo central as resistências de povos negros, originários e periféricos a partir de um olhar sobre as coletividades, insurgências, ancestralidades, territórios (arquitetura) e tecnologias. A exposição busca questionar e rememorar os signos que representam historicamente as lutas e resistências não apenas no território brasileiro, mas também em outros territórios insurgentes das periferias do sul global, culminando no rompimento de bordas e barreiras visíveis e invisíveis que permeiam a existência desses grupos sociais marginalizados e subjugados. A partir de signos de luta, identidade e resistência mundialmente reconhecíveis, como a bala, a flecha, a bandana, o alvo, o fogo, o pixo e a cruz, os artistas lançam luz às diferentes territorialidades e existências negadas, apagadas e segregadas e à sua própria trajetória marcada pela transformação poética e estética desses elementos simbólicos.

Nessa perspectiva, a exposição rearranja signos, ícones e memórias de resistência que compõem tecidos urbanos e sociais, figurando simultaneamente

como tela e suporte para a produção dos artistas e sendo igualmente fonte, palco e matéria para reflexões acerca das territorialidades, das estéticas de dominação, dos monumentos e das simbologias urbanas e ancestrais, permitindo a consciência e a formulação de uma cidadania que é insurgente, democrática e diversa, visto que, possibilita um levante material e epistemológico que cria narrativas e ações para além das já estabelecidas ou legitimadas.

SIGNOS DE RESISTÊNCIA / BORDAS DA MEMÓRIA se mostra como um convite à reflexão ao lançar questionamentos urgentes do tempo presente, como: "Quem tem direito à cidade?", "Quem determina o que será ou não lembrado?", "Quem tem direito à memória?", "Quem tem direito à vida e ao bem viver?" e "Quais monumentos nos representam ou deveriam nos representar?", tendo em vista que a construção de memórias coletivas e a produção de subjetividades também é compreendida como território de diálogo e disputa. Desse modo, a exposição, que apresenta mais de 250 obras em diferentes suportes, torce e repensa o uso da tecnologia e desnaturaliza a naturalidade cotidiana presente na genealogia do preconceito que segrega e exclui corpos e grupos sociais a partir de violências simbólicas e empíricas, propondo uma reflexão e oportunizando a revisão histórica e a releitura da estrutura dos territórios e da própria memória que constitui a identidade nacional, rompendo assim com a domesticação do imaginário coletivo que alimenta o preconceito, o racismo e o pensamento colonialista. Não é possível se manter dócil e inerte diante das desigualdades e injustiças globais, por isso é preciso sempre reafirmar "Corpos dóceis nunca mais!", "Estamos vivos!", "Periferia Vive!" e questionar "Você abriria mão de seus privilégios por uma revolução?".

ALINE AMBRÓSIO
Curadora



ANOS DE RESISTÊNCIA / BORDAS DA MEMÓRIA

COLETIVO COLETORES



COLETIVO COLETORES NO MUSEU NACIONAL DA REPÚBLICA

13 JUL/10 SET

O MUSEU Nacional da República, equipamento cultural administrado pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal, apresenta em seu maior espaço expositivo o trabalho do COLETIVO COLETORES, dupla criada em 2008 na periferia da Zona Leste de São Paulo por Toni Baptiste e Flávio Camargo. A exposição celebra os 15 anos de atuação da dupla.

SIGNOS DE RESISTÊNCIA / BORDAS DA MEMÓRIA reúne trabalhos que abordam questões relacionadas à representatividade, memória e resistência. Na exposição, o rearranjo de signos, ícones e memórias de resistência é utilizado como uma forma de desafiar as narrativas dominantes e ampliar as perspectivas sobre a cidade e seus monumentos. Através de diferentes mídias e técnicas, o COLETIVO COLETORES convida o público a refletir sobre quem tem direito à cidade, quais monumentos nos representam ou deveriam nos representar, quem determina o que será ou não lembrado e quem tem direito à memória.

São questões pertinentes e urgentes, que também tocam a missão deste MUSEU-monumento localizado em Brasília, cidade-símbolo dos poderes político e administrativo do Brasil. O MUSEU Nacional da República, assim, reforça seu lugar no debate crítico na construção de narrativas da história e memória social, acolhendo propostas de experimentação curatorial e produções artísticas contemporâneas diversificadas, promovendo as artes visuais para todos os públicos, de forma dialógica, como um espaço aberto de incentivo à reflexão, à curiosidade, à sensibilização do olhar e de produção de conhecimento.

Agradecemos a parceria com a curadora Aline Ambrósio, os artistas Toni Baptiste e Flávio Camargo que encamparam os desafios dessa montagem e toda a equipe envolvida.

Sara Seilert
Diretora
MUSEU Nacional da República



O “MUSEU NACIONAL DA ARTE” EDUCA PARA A SENSIBILIDADE.

Toda pessoa deveria duvidar de suas certezas e ser humilde e corajosa para questioná-las. A exposição “Signos de Resistência/Bordas da Memória” que comemora os 15 anos de atuação do Coletivo Coletores é um convite e uma oportunidade de fazê-los. Que país construímos nos últimos 500 anos? Que sociedade somos, como nos vemos e qual legado iremos deixar? Aí estão algumas reflexões que devemos fazer, questões que somos obrigados a resolver, se queremos deixar algum legado positivo e inspirador para as atuais e futuras gerações.

Nada mais instigante e atraente para uma educadora do que esse convite que nos faz o grupo Coletivo Coletores. Eles nos dão a oportunidade, junto aos estudantes, de resgatar, restaurar e recolocar no seu devido lugar uma parte importante da cultura e memória brasileiras que muitos ainda insistem em esconder e subjugar. Se queremos nos tornar uma sociedade coesa, próspera, justa e soberana, é preciso conhecer o passado de escravidão que tanto desonra e envergonha esse país, e reconhecer que o presente impõe a todos o compromisso de reparação e justiça. Devemos isso ao país e às milhões de pessoas escravizadas cujos descendentes ainda buscam respeito e valorização em uma sociedade esbranquiçada que insiste em parecer o que não é.

A exposição “Signos de Resistência/Bordas da Memória” nos ajuda muito nessa tarefa de mediadores, uma vez que a arte do Coletivo Coletores nos faz pensar, além disso, também provoca muitos afetos. Não perguntamos aos estudantes o que eles entendem de uma obra, pois se sentem desconfortáveis e constrangidos porque toda pessoa tem medo de errar, mas quando perguntamos sobre seus sentimentos não existe resposta errada. E tem sido surpreendente escutar e tentar entender esses sentimentos genuínos de estudantes que querem expressar dores e temores relacionadas ao racismo à discriminação que ainda sofrem. É estranho constatar que apesar de jovens, eles nutrem poucas esperanças de ver a sociedade se relacionar com a negritude de outra forma. Contudo, a exposição os tem empoderado e é possível perceber que saem fortalecidos, determinados a buscar o espaço que lhes pertence por ação e por direito.

Um desses espaços que reforça as identidades daqueles que vivenciam as bordas, que estabelece relações com as memórias sensíveis e cria pertencimento é o Museu Nacional da República, lugar privilegiado da arte e cultura no centro do poder. O Museu Educa, no âmbito do Programa Territórios Culturais, uma parceria entre a Secretaria de Cultura e Economia Criativa e a Secretaria de Educação do Distrito Federal, recebe 1200 estudantes que mensalmente vêm ao MUN para se enriquecerem com arte e cultura. Nesse primeiro mês de exposição muitos jovens de todas as idades já interagiram com o Coletivo Coletores e ampliaram sua compreensão sobre o Brasil e sobre si mesmos.

Queremos compartilhar com outros educadores e mediadores essa experiência porque entendemos ser fundamental trabalhar conceitos como Identidade, Memória e Pertencimento. Acreditamos que o ato de mediar é essencialmente um diálogo entre os expectadores, as obras, os artistas e os educadores e que esse encontro deve gerar sentimentos e reflexões. A arte instiga, provoca, faz a mente vislumbrar outras possibilidades, afeta aquecendo corações ou provocando estranhamentos e desconfortos que nos fazem rever a vida e nossas certezas.

Entre dançarinas, heróis e Orixás

Iniciamos a mediação com os estudantes por meio de uma roda de conversas no centro da Galeria principal. Nesse espaço único projetado por Oscar Niemeyer damos as boas-vindas aos estudantes e contamos a história de uma das maiores cúpulas em concreto no mundo, um patrimônio brasileiro, mas também de toda a Humanidade. Explicamos o que significa para os artistas ocuparem esse espaço de prestígio para a Arte Contemporânea e a importante contribuição de Toni Baptiste e Flávio Camargo na arte brasileira.

Desde a entrada os estudantes se transportam para um universo mágico. São recebidos por duas bailarinas, uma africana e outra brasileira, que dançam representando Ibejis, os orixás gêmeos no Candomblé, que no sincretismo religioso são conhecidos por Cosme e Damião, os santos protetores das

crianças. E quem já recebeu doces dos devotos entidades no dia 27 de setembro? Será que aqui alguém tem um irmão gêmeo? Procuramos trazer as vivências dos estudantes e do público em geral para significar as obras artísticas.

Quem já viu no portão de alguma casa essa imagem que parece um Coração? É a Sankofa, o desenho estilizado de 2 pássaros que olham em direções opostas, grafismo que veio da África com algum negro que trabalhava com ferro. Um pássaro olha para o passado e o outro olha para o futuro, um olha pra África e o outro para o Brasil e seu futuro. Essa imagem tradicional africana nos ensina que é preciso conhecer o passado para construir um futuro mais justo, que sempre devemos visitar o passado em busca de conhecimentos e sabedoria. Esse signo, que parece um coração, resume um pouco a exposição que irão visitar.

Agora é vez da flecha e da bala. Quem usa uma e quem usa a outra? Não parece uma luta justa. De todo modo, por que tanta violência? Existe essa violência física, mas também existe a violência verbal, a discriminação, o bullying, humilhações, uma violência que permanece e que é muito difícil curar. Certamente educadores e mediadores vão ouvir relatos impressionantes, emocionais, que os farão trocar de lugar com os estudantes e experimentar, nem que seja por um breve instante, a injustiça e a violência que atingem milhões de brasileiros.

As pequenas conchas chamadas de búzios é um oráculo ancestral da cultura afro-brasileira, podemos discutir sobre Deuses, sobre religiões, sobre o futuro. Podemos falar do desrespeito às religiões de matriz africana, da violação dos locais sagrados para os povos indígenas. Do preconceito que reduz toda ancestralidade religiosa à macumbas e mandingas. As simpatias tudo bem? Podemos falar de amor, bondade e empatia, porque queremos uma escola, um mundo de paz, em vez de mais um lugar de dores e injustiças. O signo do alvo estampado em fundo vermelho no centro da exposição sugere: quem já foi alvo de discriminação e preconceito? A questão encontra eco no íntimo dos estudantes e nos mostra, infelizmente, que nas escolas e na sociedade ainda temos um longo caminho a percorrer.

E devemos começar já, como o fizeram em seu tempo os heróis da resistência. E quem são esses personagens que os artistas qualificam como ícones de um Brasil indígena e africano, de um Brasil real? Tereza de Benguela, João Can-

dido, Marielle Franco, Marçal de Souza, Margarida Maria Alves, Carolina Maria de Jesus e Galdino Jesus dos Santos. Não conhecemos nossa própria história, e precisamos todos estudar a história do Brasil e seus personagens para viver essa exposição. A quilombola orgulhosa que criou uma sociedade autossustentável, o Almirante Negro que não aceita ser chibatado, a vereadora que é assassinada por denunciar as milícias do Rio de Janeiro, o chefe que luta e morre pela terra de seus ancestrais, como morre a sindicalista que ousou lutar por dignidade melhores condições de trabalho, a catadora que se tornou escritora e o Pataxó que há 500 anos sucumbe à crueldade, à indiferença e à destruição.

Há um silêncio quase solene dos estudantes e visitantes nessa hora, quase sagrado, afinal estamos em presença de anjos negros. Sim, existe anjos negros e originários, anjos dessa terra, anjos que não têm a pele branca, os olhos azuis e os cabelos dourados. Não queremos uma Barbie mestiça “morena”, ou outra de pele e cabelos negros e vestido rosa para nos sentirmos pertencentes à uma sociedade inclusiva. Queremos entender o que somos e o que vivemos, para modificar o Brasil e o mundo com a força de nossas ações. Pois ESTAMOS VIVXS. Estamos vivos apesar do preconceito, da escravidão e reiteramos que estamos aqui para viver e vencer escancarando o preconceito ao som de um rap: “[...] na minha casa você não entra, negro. Chega desse mi-mi-mi, negro. Se é macumbeiro eu espanco, negro. [...]”. Pois já passou da hora de acontecermos. Não há o que esperar. “CORPOS DÓCEIS NUNCA MAIS”, “A PERIFERIA VIVE”. Marighela e Lula fizeram a hora, Luís Gama não esperou acontecer.

Prof. Dra. Leísa Sasso
Programa Museu Educa/ Territórios Culturais
SECEC/SEEDF/MUN





IGOMES DA RESISTÊNCIA



Série Insurgentes 2022
Fotografia lenticular

ÍCONES DA RESISTÊNCIA

O coração da exposição SIGNOS DE RESISTÊNCIA/BORDAS DA MEMÓRIA é representado pelo núcleo ícones da resistência, que apresenta em conjunto uma das pesquisas históricas mais antigas do Coletivo Coletores dedicada a compreender e identificar as histórias de luta e resistência nacionais e globais que se materializam em personalidades ativistas, políticas, culturais e sociais, lidas como insurgentes e revolucionárias por seus feitos históricos. Aqui, são homenageados os principais ícones da resistência brasileira pertencentes a povos negros, originários e periféricos que se tornaram símbolos nacionais e internacionais na luta pela igualdade racial, pelos direitos humanos, pelos direitos políticos e pela vida. Entre os homenageados estão Marielle Franco, Carolina Maria de Jesus, Marighella, Tereza de Benguela, Galdino da etnia pataxó e Luiz Gama, além do líder internacional Martin Luther King que na obra Resista! é inserido na Favela Vila Flávia em São Mateus, um dos locais com maior índice de violência de São Paulo, que é ressignificado através da "Caminhada de Selma", mundialmente conhecida como um movimento de pacificação e luta coletiva. As mulheres também terão protagonismo nesse núcleo, sendo Marielle Franco e Carolina Maria de Jesus as representantes da luta feminina pela vida, pela equidade e pela cultura. Esses corpos e ícones, retratados como alvos pelos artistas, simbolizam não apenas a perseguição, segregação e violência que enfrentam, mas também evidenciam que seu legado perdura. Suas lutas persistem, deixando marcas de coletividade que ressoam e inspiram.

Marighella Vive 2023

Múltiplos - Pintura e animação
frame a frame





Marielle Vive 2023

Múltiplos - Pintura e animação
frame a frame



Carolina Vive 2023

Múltiplos - Pintura e animação
frame a frame

Marielle Vive 2023

Múltiplos - Pintura e animação
frame a frame



Carolina Vive 2023

Múltiplos - Pintura e animação

frame a frame



Série Insurgentes 2022
Fotografia lenticular



Série Guerrilheiros urbanos Lula e Marighella 2022
Técnica mista







Residente urbano 2.0 (detalhe) 2023
Vídeo instalação



Resista 1.0 São Mateus 2014
Fotografia



Residente urbano 2.0 2023
Vídeo instalação





Histórias que não ninam pt2 2023
Vídeo instalação com tríptico em
Smart tvs

Carolina e Tereza 2022
Serigrafia e lambe-lambe

Histórias que não ninam pt2 2023

Vídeo instalação com tríptico em

Smart tvs



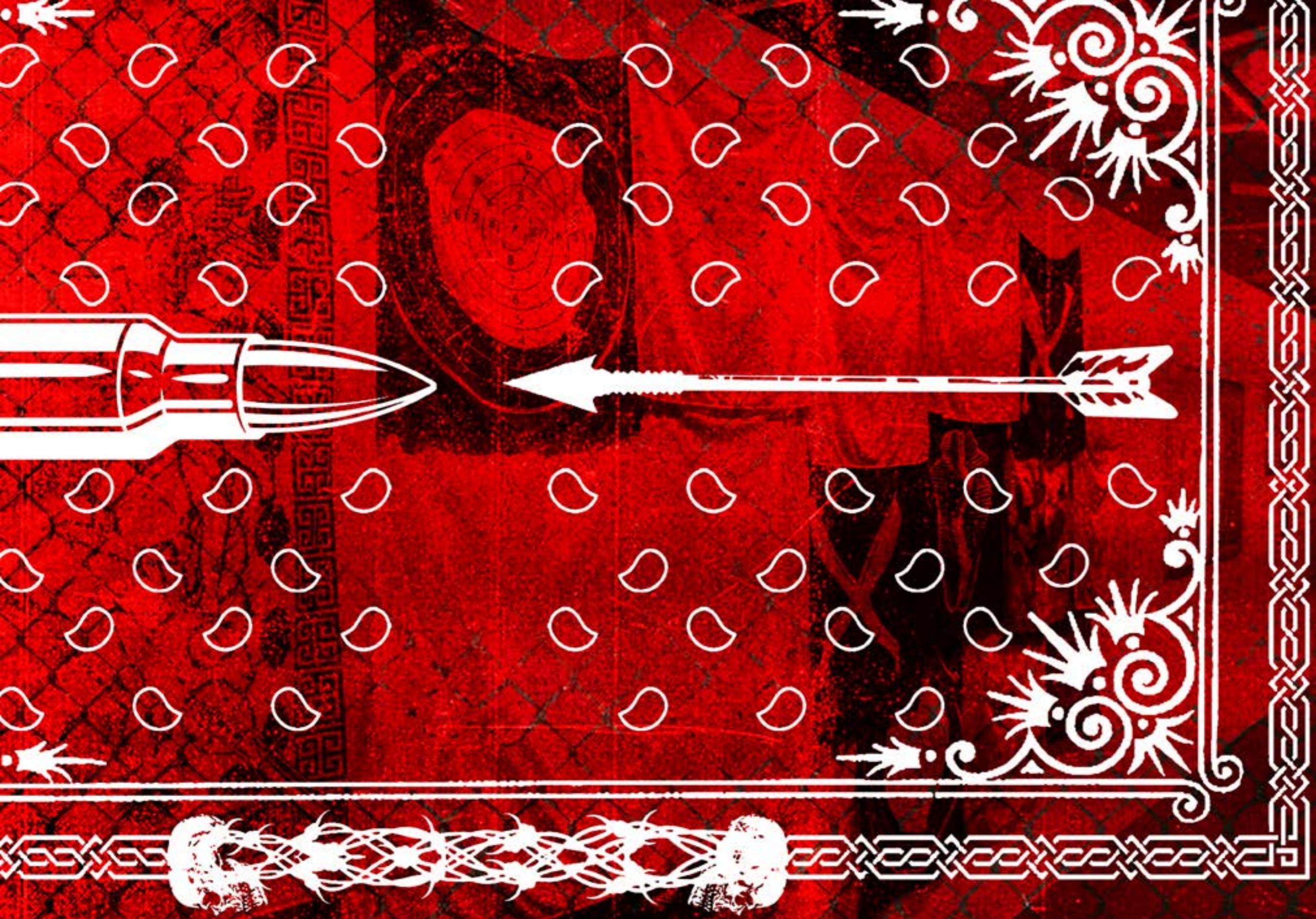
Série Cortejos 2021

Fotografia



Série Cortejos: Dia da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha na Igreja do Rosário 2021

Fotografia



BANDAS/BANDIERAS



Série Bandanas 2020-2023

Técnicas variadas

BANDANAS/BANDEIRAS

Originárias do território indiano, as bandanas são conhecidas como um tipo de lenço com estamparias marcantes e padronagens gráficas kashmir de folhas, mas, ao percorrer historicamente outros territórios, esse elemento simbólico ganhou diferentes significados e usos não apenas estéticos, mas também sociais e políticos. A bandana se tornou um dos principais signos de resistência globalmente reconhecíveis, deixando de ser utilizada apenas como proteção contra o sol, o frio, a umidade e a poeira em regiões desérticas ou como símbolo de demarcação e indumentária das grandes navegações ao ser apropriada por múltiplos grupos sociais insurgentes. Esse elemento simbólico une nações, coletivos e comunidades, sendo também um ícone identitário, visto que marca a história das coletividades e contribui para a preservação da memória e das histórias de luta e resistência de povos negros, originários e periféricos. Nessa exposição, as bandanas são entendidas igualmente como bandeira, elemento simbólico reconhecido por denotar poder, identidade e territorialidade. Aqui, esse signo se rearranja de diferentes formas e ganha novos significados poéticos e estéticos em cada superfície onde é aplicado, seja ela a arquitetura, o tecido, a pele ou o papel.



Bandana Desequilibrio 2022 -2023

Série bandanas Tríptico 1 Serigrafia sobre algodão





Bandana Desequilíbrio – Bananal
São Paulo 2023
Fotografia



Bandeiras - Bandanas

Técnicas variadas



**Bandana Alvos Sindicato dos
trabalhadores e artistas Ilhéus**
Bahia 2022
Fotografia



Serie Bandanas 2022 -2023
Fotografias a partir de intervenção
urbana digital com vídeo mapping





Série Bandanas 2020-2023

Técnicas variadas



TERRITORIOS DE MEMORIA



Série Memórias Insurgentes:
Pujança Editada 2020
Fotografia

TERRITÓRIOS DE MEMÓRIA

A arquitetura e a cidade são simultaneamente a tela e o ateliê do Coletivo Coletores, um coletivo que produz sua arte em trânsito e que não possui um espaço fixo de produção, visto que se inspira no tecido urbano vivo, em transformação e em movimento. Ao explorar escalas monumentais e revirar arquivos históricos, eles desafiam as altimetrias das grandes metrópoles e a história hegemônica da arquitetura e da cidade, revelando camadas de apagamento, violência, exploração e segregação contidas em monumentos e edificações emblemáticas que contribuíram para a formação de memórias coletivas e identidades nacionais. Desse modo, são apresentadas edificações patrimoniais e simbólicas ressignificadas a partir de projeções em vídeo mapping, que adotam uma linguagem e uma narrativa antirracista, contracolonial e anti-hegemônica, visto que dão protagonismo e visibilidade a importantes figuras como Tebas (Joaquim Pinto de Oliveira), o primeiro arquiteto negro do Brasil e a territórios de memória como o Sítio da Ressaca, a Igreja dos Homens Pretos, o Theatro Municipal de São Paulo, o Memorial da América Latina e o Paço Imperial, cuja história real é pouco conhecida. O Coletores desafia e problematiza a ideia de "símbolo nacional" ao rerepresentar e intervir em monumentos como Borba Gato e o Monumento às Bandeiras. Esse núcleo é um convite à democratização da arte urbana, da arte pública e dos espaços públicos e à reedição da história ao questionar monumentos, apropriações e narrativas coloniais.

Série Memórias Insurgentes:
Pujança Editada 2020
Fotografia







Série Memórias Insurgentes:
20 de Novembro "Estamos Vivos"
Theatro Municipal de São Paulo 2021
Fotografia



Série Memórias Insurgentes:
Goree/Valongo Paço imperial
2020
Fotografia





Arquiteturas e projetos (detalhe da mesa) 2020
Técnicas variadas



Série Memórias Insurgentes:
Estamos vivos – Museu Nacional da
República de Brasília 2023
Fotografia







Refundação 2020

Vídeo instalação intervenção urbana com vídeo
mapping sobre o Monumento às Bandeiras



Livros, cadernos e processos (detalhe da mesa) 2020

Técnicas variadas



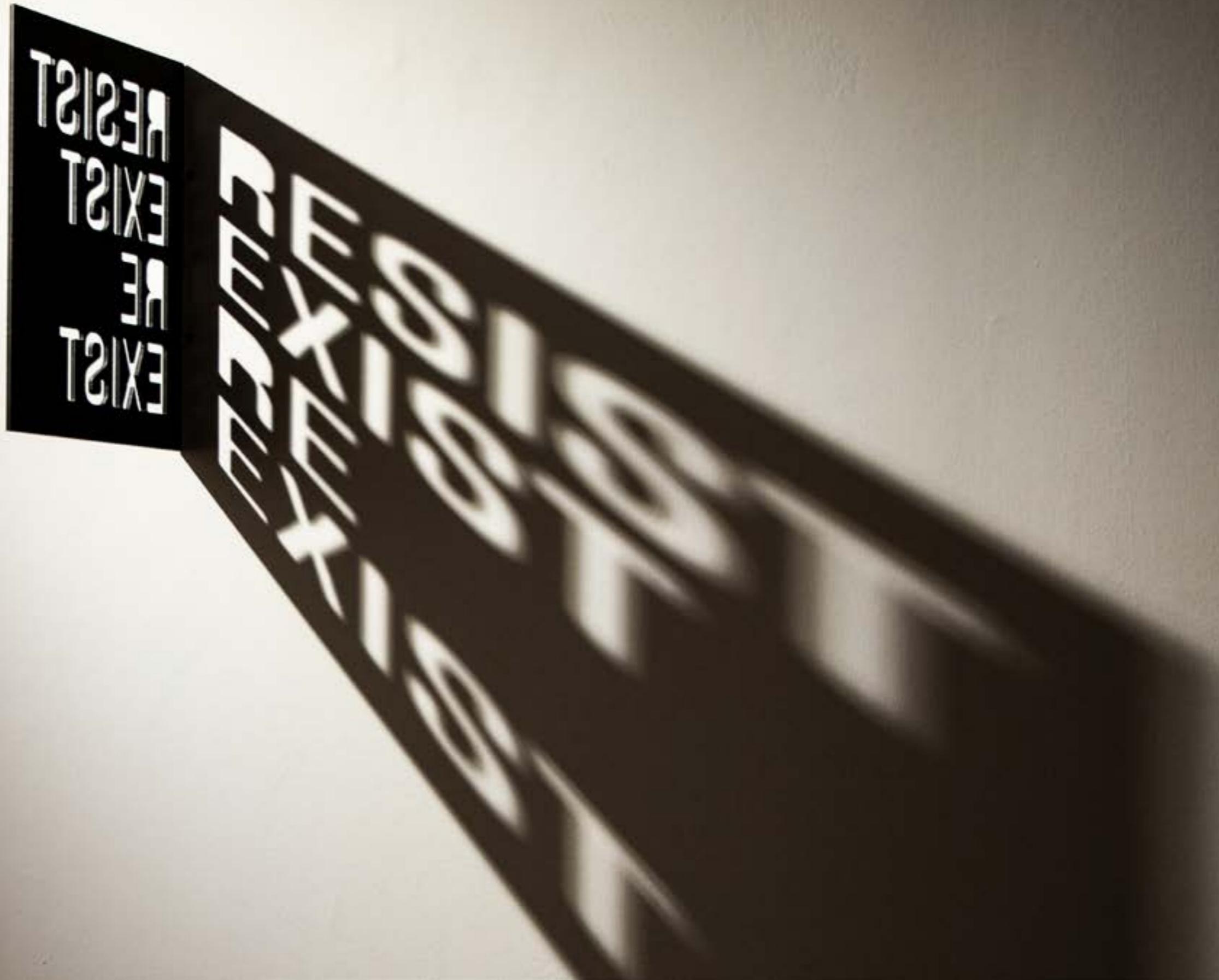


PARADISE COURT

PARADISE

EXIT





Resist, exist, re exist 2023

Instalação luminosa

PALAVRACIDADE

Esse núcleo se dedica à palavra e sua relação direta com o tecido urbano e com as edificações. A palavra é compreendida nessa exposição e na produção dos artistas como uma ferramenta de resistência e existência. Diversos signos da identidade afro-brasileira, originária e periférica perpassam a linguagem e a palavra, seja ela falada e ritmada em letras de música ou aplicada em pixos, lambes, grafites, artes gráficas e outros suportes. Nesse sentido, a palavra em conjunto e em diferentes formatos é lida em sua totalidade como imagem em uma leitura semiótica e poética de aproximação. A palavra é um dos elementos mais antigos contidos na produção do Coletores que tem seus usos transformados a partir do olhar atento dos artistas para os avanços tecnológicos. O Coletores é conhecido por difundir frases icônicas e provocativas como “Corpos Dóceis Nunca Mais”, “Estamos Vivos”, “Periferia Vive” e “Viver é resistir”, que são apropriadas pela sociedade e incorporadas à sua linguagem em um movimento orgânico de fortalecimento e resistência coletiva.

**Aqueles que pagam com sangue
possuem dívida eterna? 2023**
Instalação luminosa





**Aqueles que pagam com sangue,
possuem dívida eterna? 2023**
Instalação luminosa



Resist, exist, re exist 2023
Instalação luminosa



Encruzas 2023
Instalação com led



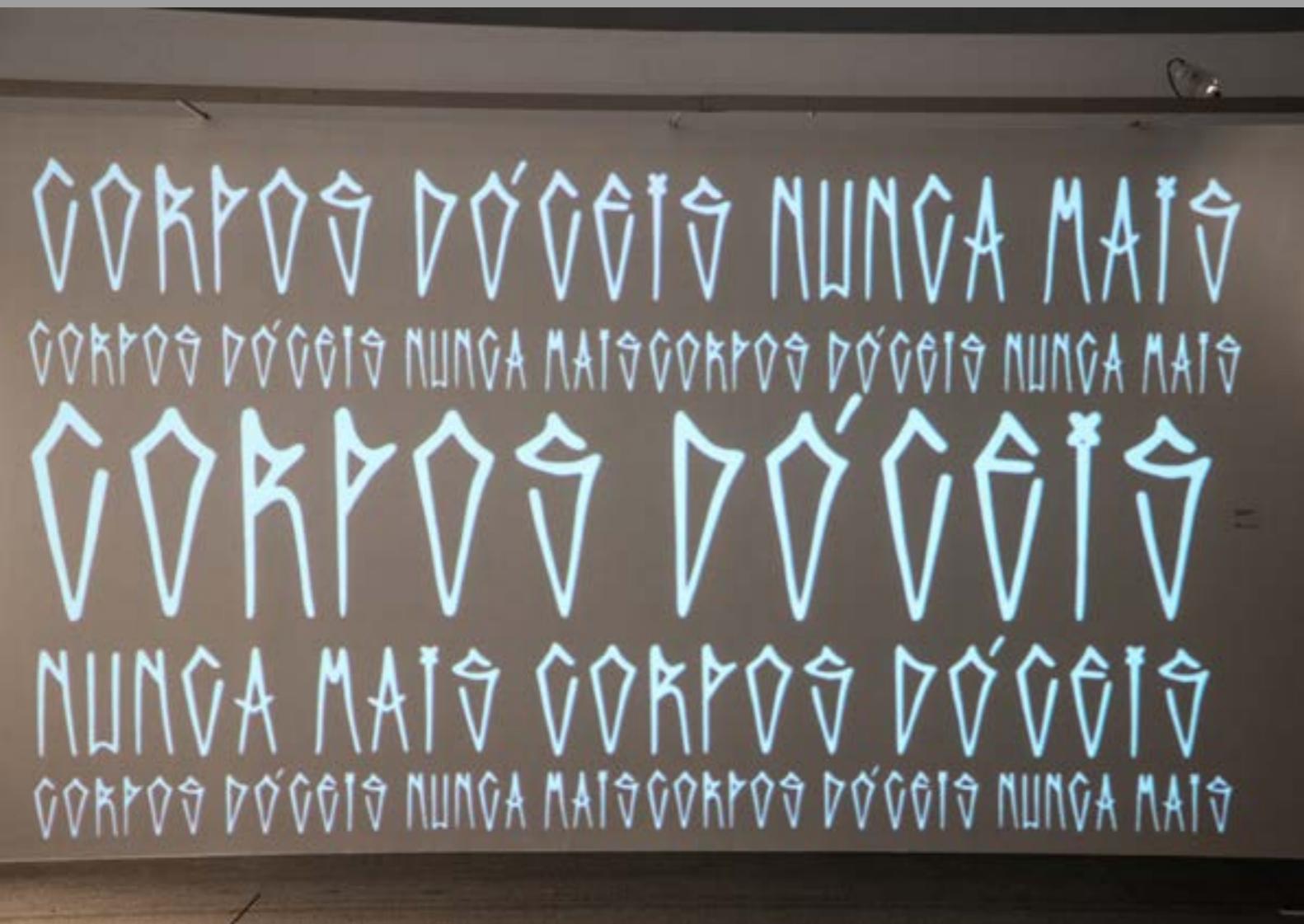
Estamos Vivxs (díptico) 2023

Técnicas mistas



ESAMT KUNST





Corpos dóceis nunca mais 2023
Vídeo mapping Pixo digital



**Aqueles que pagam com sangue,
possuem dívida eterna? 2023**
Instalação luminosa



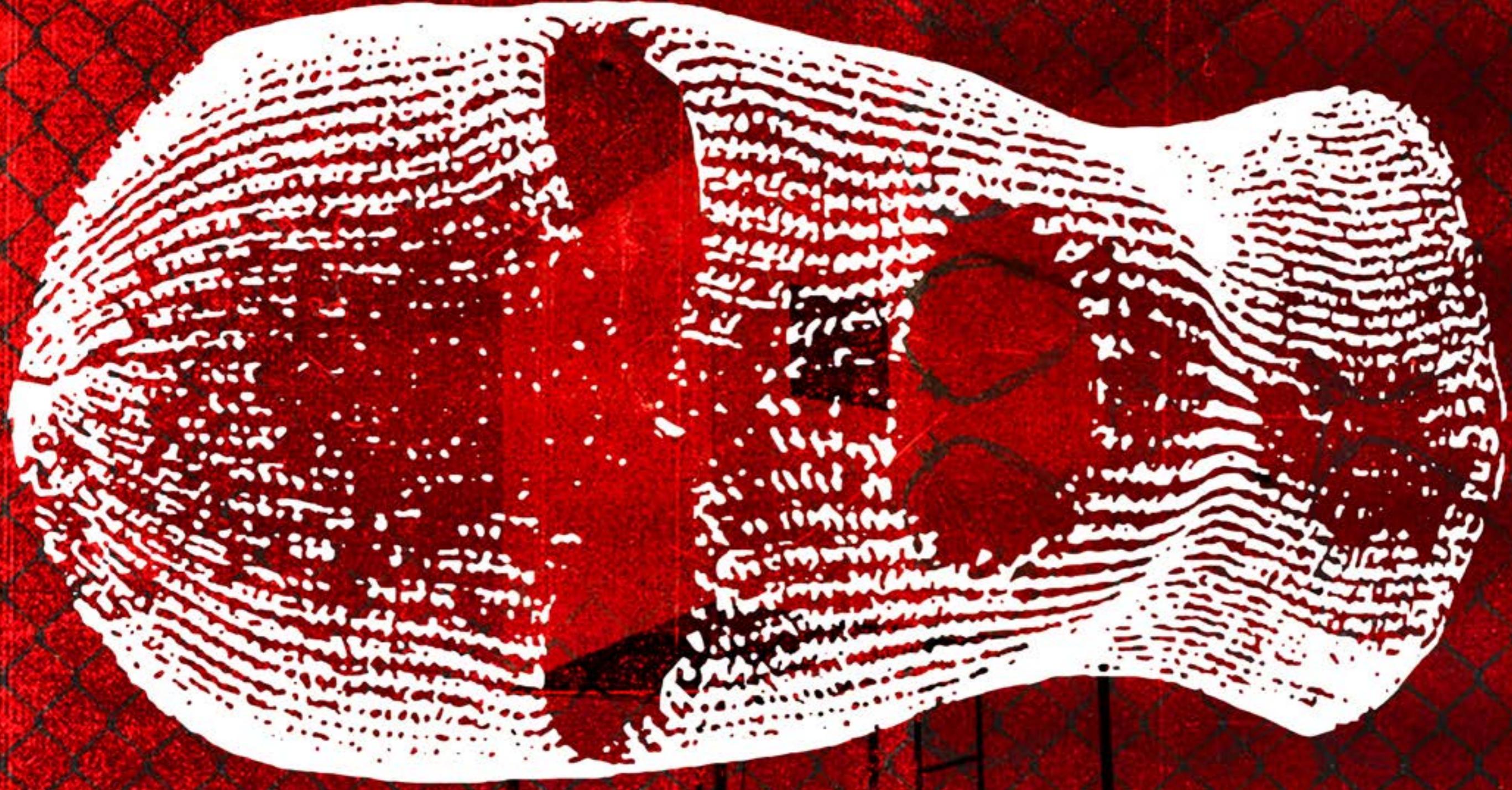
Trajetórias (detalhe) 2023
Posters e impressos



QUELLIS QU: PA
SSUE:



CORPAS D'OS T
CORPAS D'OS T NUNCA MATS CORP
CORPAS T
NUNCA MATS CORP
CORPAS D'OS T NUNCA MATS CORP
NUNCA MATS
TOS T NUNCA MAT
TOS T
D'OS T
D'OS T NUNCA MATS



GOSIORAWO BORDAS



Palafitas 2023
Instalação arquitetônica/ site specific

COSTURANDO BORDAS

Costurando Bordas é uma espécie de ateliê aberto que acolhe todos os signos e linguagens e apresenta obras de arte em formatos cotidianos e descontraídos, dando destaque à moda, à música, ao comportamento e ao entretenimento como forma de bem viver de grupos sociais historicamente marginalizados e segregados. Desse modo, a moda, a música e o estilo se apresentam como importantes ferramentas para o rompimento de bordas e barreiras visíveis e invisíveis que permeiam a vida desses grupos sociais subjugados, pois são formas de povos negros, originários e periféricos se colocarem, se legitimarem e se apresentarem ao mundo, criando assim uma identidade coletiva que rememora a ancestralidade contida em cada escolha que não é apenas estética, mas é também política, social e econômica. O mundo da moda e das grifes recorrentemente apresenta diversas tendências que são apropriadas das ruas, de minorias sociais e de territórios de memória originários, entretanto a história e a ancestralidade contidas nesses estilos, indumentárias e signos continuam sendo invisibilizadas assim como as populações e a cultura das quais foram extraídos. Nesse sentido, essa exposição busca a visibilização, legitimação e reconhecimento dessas bordas e estilos que são costurados e rearranjados em diferentes suportes para convidar os públicos a interagirem com a arte e compreenderem que a moda e a música também são importantes instrumentos insurgentes contra a segregação, o racismo e o apagamento e que reafirmar essas escolhas é um ato de re(existência).

Bala amuleto, Guerrileira, moldes e colar (detalhe) 2023

Joalheria em aço e impressão digital





Costurando Bordas (detalhe) 2008-2023

Objetos, dispositivos e obras variadas



Costurando Bordas (detalhe) 2008-2023
Objetos, dispositivos e obras variadas



Bala amuleto, Guerrileira, moldes e
colar (detalhe) 2023
Joalheria em aço e impressão digital



Bala amuleto, Guerrileira, moldes e colar (detalhe) 2023
Joalheria em aço e impressão digital



Alvo 2023
Matriz serigrafia



Máquina brinquedo 2010-2023

Pinball instalação interativo

Técnica mista



Uniforme guerrilheiro 2023
Conjunto brim com serigrafia



Autônomo 2011
Dispositivo móvel instalativo
Técnica mista



Uniforme guerrilheiro 2023
Conjunto brim com serigrafia seriada



Livros, cadernos e processos (detalhe da mesa) 2008-2023
Técnicas variadas



Costurando Bordas (detalhe) 2008-2023
Objetos, dispositivos e obras variadas





Nego2017
Vídeo performance



O Estado nos deve uma vida 2023 (138 Sistema de impressão)
Matriz serigrafia



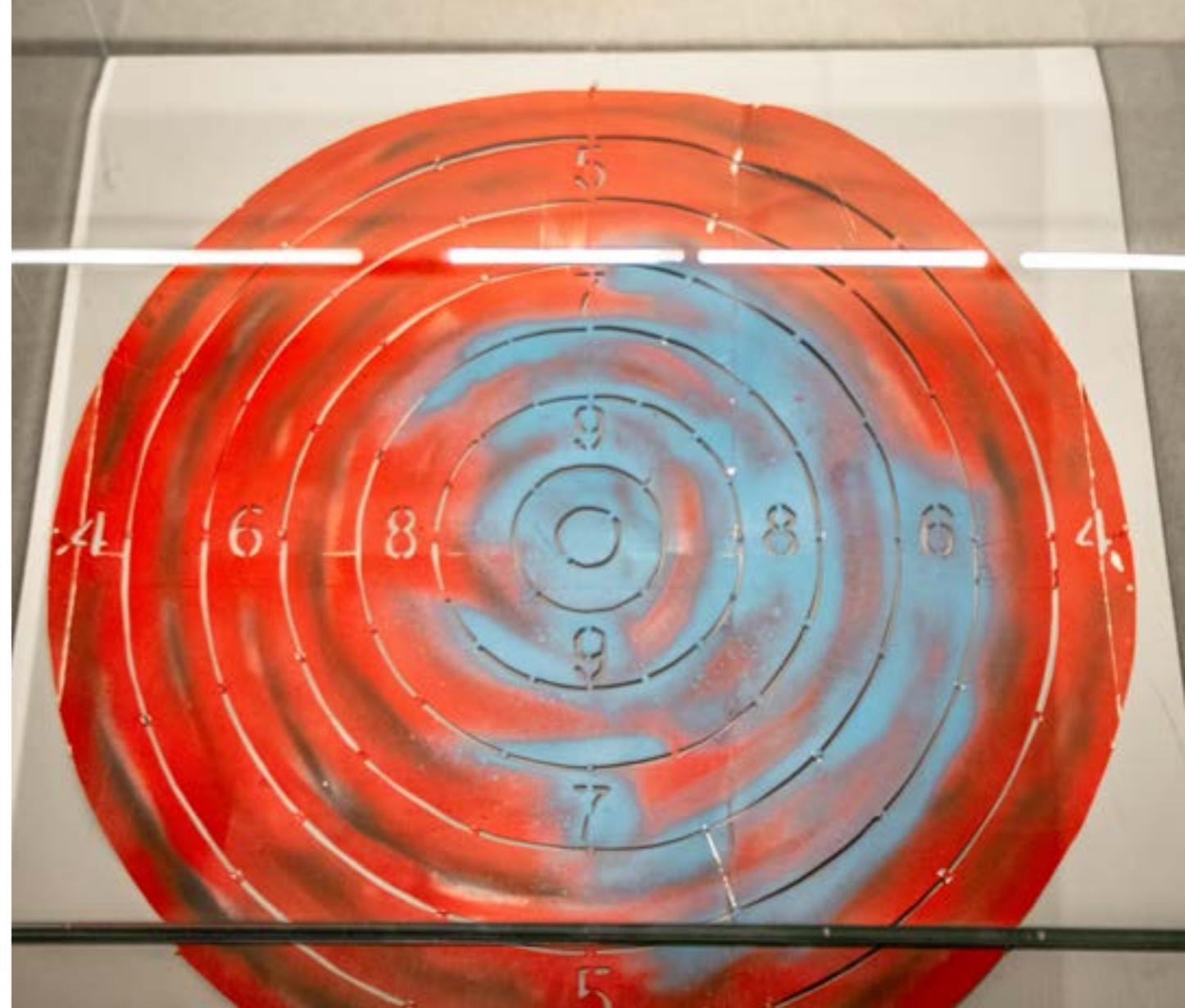
Mariguella 2018
Matriz stencil



Livros, cadernos e processos
(detalhe da mesa) 2008-2023
Técnicas variadas



Livros, cadernos e processos
(detalhe da mesa) 2008-2023
Técnicas variadas



Alvo 2018
Matriz stencil



ReSankofa 2021
Video



Ibeji 2019
Instalação vídeo mapping
Ayana Amorim + Ilunga Malanda



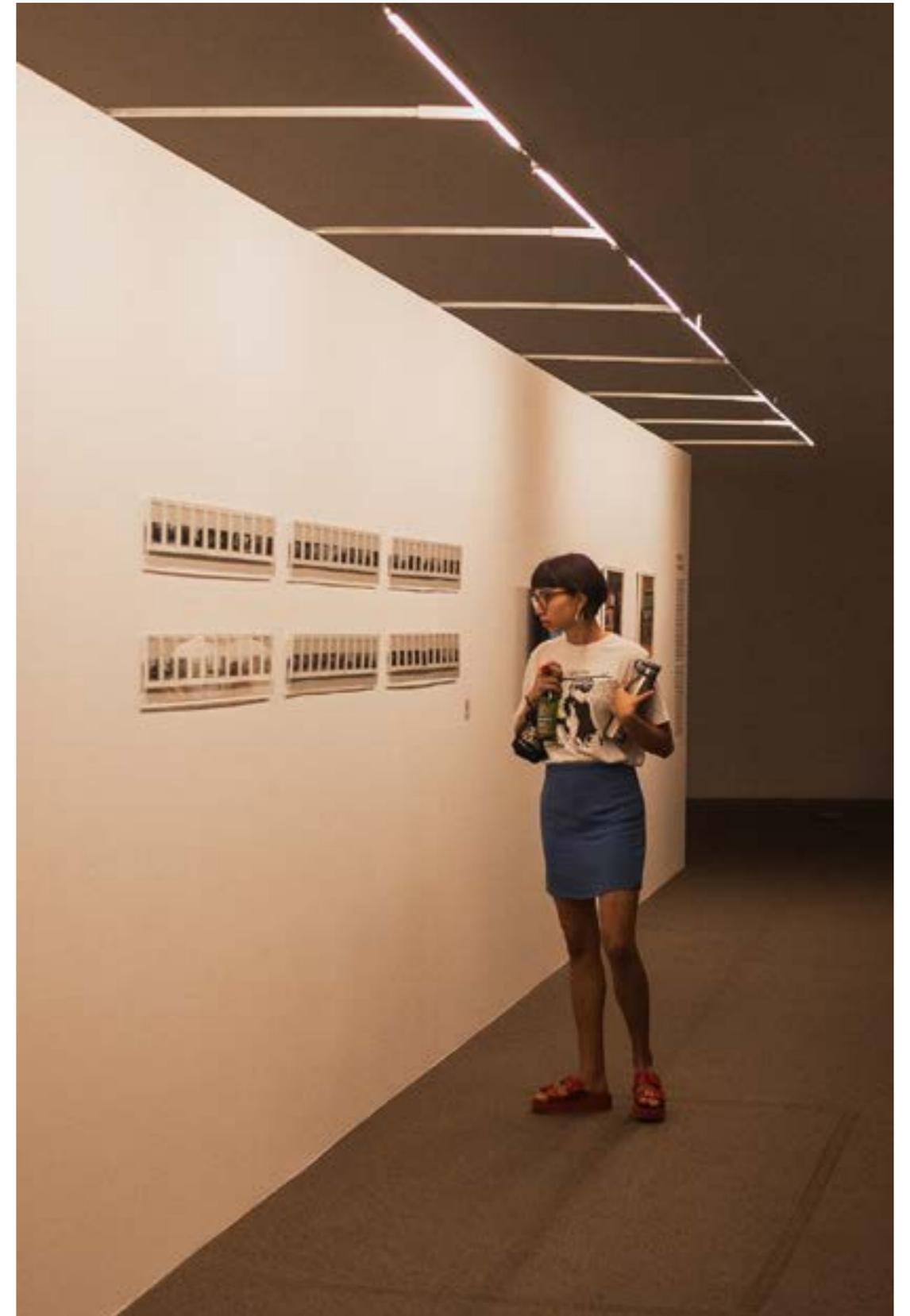
PERCORSO MERCANTIS



PERCURSOS INSURGENTES

Esse núcleo se dedica à apropriação do território através das vias e percursos que são desbravados pelo Coletores com o ledtruck , veículo instalativo ressignificado pelos artistas que utilizam a linguagem publicitária e percorrem diferentes centralidades brasileiras com palavras e imagens de manifesto contra apagamentos históricos, violências sociorraciais, injustiças globais e desigualdades. Originalmente, os ledtrucks se configuram como dispositivos criados para a publicidade em grandes meios urbanos, equipados com painéis de LED imponentes sobre caminhões que percorrem as estradas e permitem uma comunicação rápida e efetiva sem poluir visualmente a cidade. Ao repensar o uso dessa tecnologia, o Coletores provoca reflexões sobre os usos e concepções de espaços públicos, trazendo questionamentos sobre os limites entre as esferas pública e privada e sobre o acesso à cultura e à informação. O veículo, que realiza percursos insurgentes escolhidos a partir de narrativas contra-hegemônicas, históricas e de memória, visa democratizar os acessos à arte e intervir na paisagem urbana de forma crítica, repensando não apenas territórios e agentes, mas também fluxos migratórios. Tal é o caso do percurso crítico e insurgente mais recente realizado pelos artistas no Rio de Janeiro em razão dos 5 anos do assassinato de Marielle Franco e Anderson, buscando questionar a sociedade e os órgãos públicos sobre a impunidade, os apagamentos e a violência histórica contra a população negra e periférica ou a atuação do Coletores na Pandemia da Covid-19, que alertou diversas pessoas e as acolheu com frases de apoio. O ledtruck é a materialização da arte efêmera e em movimento que marca e salva vidas.

Percursos insurgentes Led Truck 2020-2023
Fotografia polaroid







Periferia vive Led truck 2021

Fotografia





Relebrar-Reescrever-Reinsurgir 2023

Led Pixel arte





Periferia vive
Nunca Lame CT
2011
Luan Batista



Cultura não se
apaga Led Truck
2021
Luan Batista





INTERVENÇÕES NO MISTO



AKOMADia Internacional da Mulher
Negra, Latino-Americana e Caribenha
Museu Nacional da República 2023
Videomapping



Abertura da exposição Signos de Resistência/ Bordas da Memória no Museu Nacional da República 2023
Videomapping



AKOMADia Internacional da Mulher
Negra, Latino-Americana e Caribenha
Museu Nacional da República 2023
Videomapping



AKOMADia Internacional da Mulher
Negra, Latino-Americana e Caribenha
Museu Nacional da República 2023
Videomapping



AKOMADia Internacional da Mulher
Negra, Latino-Americana e Caribenha
Museu Nacional da República 2023
Videomapping



Abertura da exposição Signos de Resistência/ Bordas da Memória no Museu Nacional da República 2023
Videomapping



AKOMADia Internacional da Mulher
Negra, Latino-Americana e Caribenha
Museu Nacional da República 2023
Videomapping



INDONESIA
KAWAJAN





CONESDA
RESISTÊNCIA

CONESDA
RESISTÊNCIA



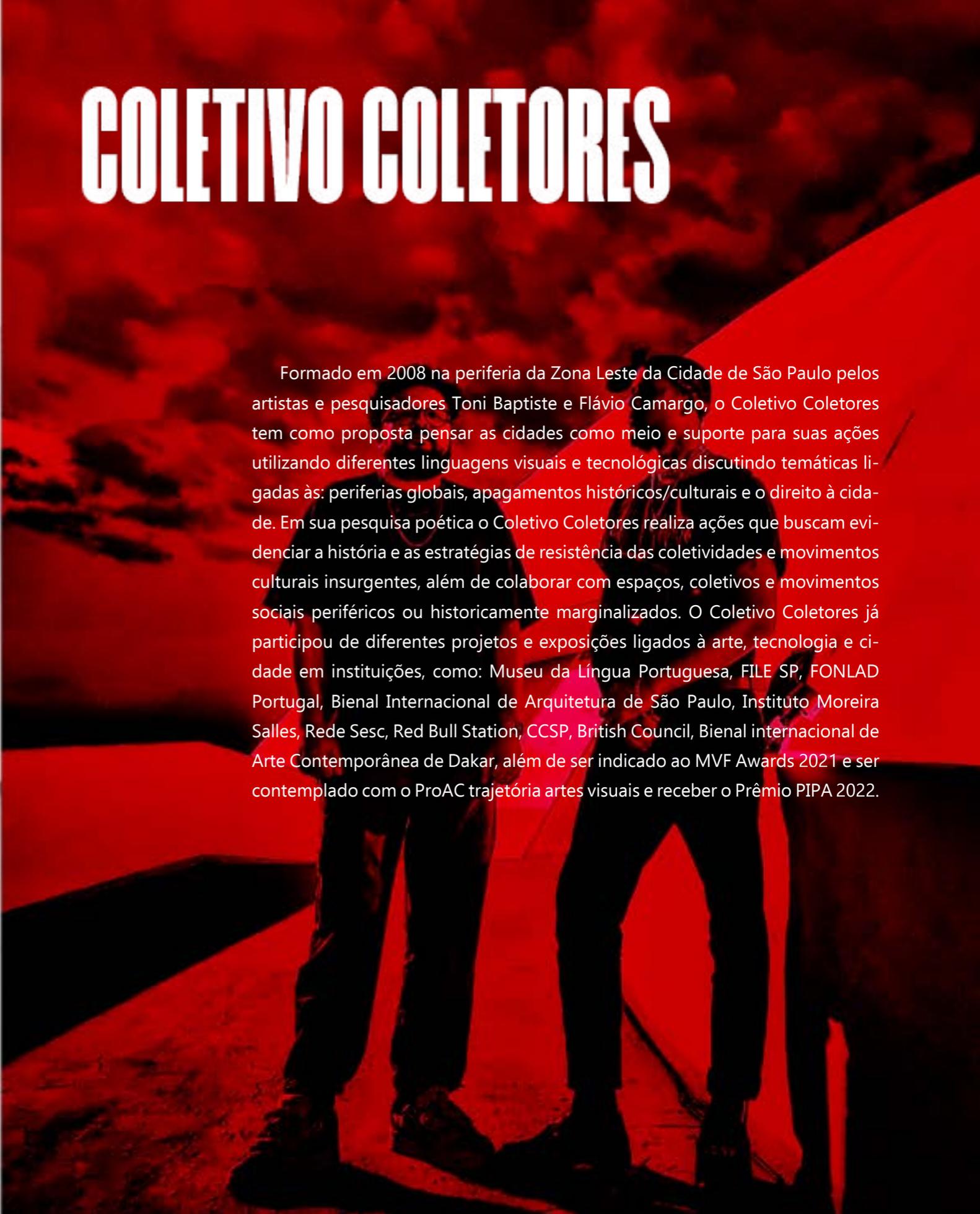






COLETIVO COLETORES

Formado em 2008 na periferia da Zona Leste da Cidade de São Paulo pelos artistas e pesquisadores Toni Baptiste e Flávio Camargo, o Coletivo Coletores tem como proposta pensar as cidades como meio e suporte para suas ações utilizando diferentes linguagens visuais e tecnológicas discutindo temáticas ligadas às: periferias globais, apagamentos históricos/culturais e o direito à cidade. Em sua pesquisa poética o Coletivo Coletores realiza ações que buscam evidenciar a história e as estratégias de resistência das coletividades e movimentos culturais insurgentes, além de colaborar com espaços, coletivos e movimentos sociais periféricos ou historicamente marginalizados. O Coletivo Coletores já participou de diferentes projetos e exposições ligados à arte, tecnologia e cidade em instituições, como: Museu da Língua Portuguesa, FILE SP, FONLAD Portugal, Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, Instituto Moreira Salles, Rede Sesc, Red Bull Station, CCSP, British Council, Bienal internacional de Arte Contemporânea de Dakar, além de ser indicado ao MVF Awards 2021 e ser contemplado com o ProAC trajetória artes visuais e receber o Prêmio PIPA 2022.



Museu Nacional da República

Governador do Distrito Federal

Ibaneis Rocha

Secretário de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal

Cláudio Abrantes

Diretora

Sara Seilert

Administração

Fernando Andrade
Joaquim Augusto de Azevedo
Lívia Solino

Acervo

Mariana Morena Pinheiro Reis
Daniele Pestana

Design e comunicação

Daniel Marques

Educativo

Leísa Sasso
Programa Territórios Culturais

Programa de Pesquisa

Maíra Rangel

Audiovisual

Taís Castro

Atendimento ao público

Margarida de Castro Paula
Marileusa Barbosa Pires

Estagiárias

Ana Flávia Velozo Muniz
Isabelly de Maria Rêgo Lourenço
Jéssica Samyra da Silva Lana
Lisandra Lelis
Luciana Rezende
Maria Eduarda de Andrade Filhusi

Apoio

Manufatura.org

Signos de Resistência, Bordas da memória

Artistas

Coletivo Coletores
Flávio Camargo
Toni Baptiste

Curadoria, expografia e Produção Executiva

Aline Ambrósio

Produção Local

A Pilastra
Gisele Lima
Iago Góes
Maria Luiza Rocha

Assessoria de Imprensa

Marrese Assessoria

Montagem

A Pilastra
Emanuel Brandão
Gustavo Silvamaral
Igu Krieger
Jéssica Lisboa
Thiago Cardoso

Pintura

LM Montagem de Cenários

Marcenaria

Marcenaria Polovina's

Iluminação

Jefferson Landim

Gráfica

Sic Soluções Gráficas

Agradecimentos

Mônica Ambrósio
Adair Cirilo
Fagner Alexandrino
Iolanda Maria
Francisco Camargo Karina Marques
Filipe Camargo
Marcelo Camargo
Maria da Penha
Daniela Cordeiro
Koral Alvarenga
Laurita Salles
Fábio Fon
Lúcia Maciel
Suyanne Keidel
Familia Blackpipe Carlos, Luan e Vítor
Nerie Bento
Rodolfo Beltrão
Ailton Barbosa (Abel)
São Mateus em Movimento
Love CT Skate
Flip Couto
Coletivo AMEM
Lígia Rocha
Thamires Cordeiro Nunes
Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo
Leandro e todo o time da Nova Locações
Abilio Ferreira
Beth Beli
João Vergara e Carlos Vergara
Rosemeire Marcondes e Comunidade Lavapés
Diogo Terra
Michelle Serra
Brisa Flow e Ian Wapichana
Giselle Beiguelman
Instituto PIPA
Desenrola e não me enrola
Ane Tavares e Patricia Marrese
A Pilastra
Ayana Amorim e Ilunga Malanda
Dima Dahaba
Anielle Franco
Comunidade do Rosário da Penha de França
Capela de São Miguel Arcanjo
Rede Sesc
Quinho QNH
São Mateus em Movimento
Clarissa Ximenes e Bananal Arte e Cultura
Julieta Regazzoni e Cassia Sandoval
Feira Preta

Sara Seilert
Leísa Sasso
Daniel Marques
Aos educativos e todas equipes do
Museu Nacional da República

Catálogo

Textos

Coletivo Coletores
Aline Ambrósio
Sara Seilert
Leísa Sasso

Diagramação, projeto gráfico e design

Flávio Camargo

Logo e Title design

Toni Baptiste

Fotografia

Toni Baptiste
Fernanda Coutinho
Daniela Cordeiro
Daniel Marques
Luan Batista
Carlos Pires

Fotografia Coletores Bio

Daniel Marques

Fotografia (abertura da exposição)

Fernanda Coutinho

Website

Daniela Cordeiro
Toni Baptiste

www.dasding.org/coletores15anos

Patrocínio



Apoio

